



NU, DE BOTAS

**NU,  
DE  
BOTAS**  
**ANTONIO PRATA**

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVII

## ÍNDICE

Gênesis	11
Bom menino	21
Mau menino	26
Alô, Bozo?	31
Saturno × Mercúrio	38
Injustiça	42
Cueca I	45
Cueca II	51
Indefectível	54
África	60
<i>Ca Ce Ci Co Çu</i>	64
Mulher pelada	70
Estimação	74
A perna do seu Duílio	85
<i>Happy hour</i>	91
<i>Blowing in the Wind</i>	98
Waldir Peres,	
Juanito e Pölöskei	102
Shakespeare nas dunas	110
Banhos	115
Sorvete e bala	118
Senhor da chuva	126
Presente dos céus	130
Patos	136
Pela janela	141

© 2017, Antonio Prata  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Nu, de Botas*  
Autor: António Prata  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2017

ISBN: 978-989-671-395-9  
Depósito Legal n.º 430400/17

«Ainda não estamos habituados com o mundo.

Nascer é muito comprido.»

MURILO MENDES

## GÊNESIS

No princípio, era o chão.

No piso do quintal, ladrilhado com cacos de cerâmica vermelha, via um elefante de três pernas, um navio, um homem de chapéu fumando cachimbo. Na manhã seguinte, as imagens haviam mudado: o homem de chapéu era um bolo mordido; o elefante, parte de um olho enorme — a tromba, um cílio —; o navio zarpara, deixando para trás apenas cacos de cerâmica vermelha no piso do quintal.

Na sala, com uma tampa de Bic levantava os tacos soltos para espiar o que se escondia embaixo: uma mosca morta, uma unha cortada, um grampo — pequenos achados arqueológicos, estudados com perícia através da lupa.

Deitado, a bochecha colada à madeira, sentindo no rosto a brisa fria que sopra ao rés do chão, espiava o vão escuro sob a cristaleira: a poeira formava tufos, matéria-prima da qual, acreditava, era feito o cobertor cinzento do mendigo da esquina. Tinha sua lógica: o homem miserável coberto pela manta de pó. Só não compreendia como a sujeira se transformava em tufo, o tufo em cobertor, e o cobertor ia parar em volta do mendigo. Mais um mistério, entre tantos deste mundo.

No princípio, eram as trevas.

Sentado no meio-fio, cavoucava com um graveto as fendas entre os paralelepípedos, esperando encontrar petróleo, ossos de dinossauro, tesouros escondidos por piratas, ruínas de extintas civilizações. Enquanto a sorte não vinha, contentava-me em desenterrar tampinhas enferrujadas, cascos de caramujo, fichas telefônicas; divertia-me desalojando minhocas, formigas e tatus-bola.

Não respeitava as minhocas: mal saíam da terra, começavam a se debater feito loucas. Bicho aflito, mau exemplo.

Não respeitava as formigas: indecisas, iam e vinham; burras, demoravam séculos para entender que bastava contornar a barreira surgida no meio do caminho (meu cuspe) para chegar lá — aonde quer que estivessem indo.

Toda reverência aos tatus-bola.

Tocava-os de leve para vê-los se fechar em suas esféricas armaduras, depois os rolava para cá e para lá.

Um dia, talvez influenciado pela semelhança visual e fonética entre bolas e balas, tentei comer um deles. Minha mãe (n)o(s) salvou na última hora, tirando-o da minha boca e devolvendo-o à terra ainda intacto.

Não ficou registrado na crônica familiar se alguma vez, longe da supervisão materna, eu e os tatus-b(a)ola chegamos às vias de fato.

Morávamos numa vila: primeiro eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Depois meu pai se mudou, minha mãe casou de novo e minha meia-irmã veio viver conosco. Tinha também a Vanda, empregada, que morava num quatinho no fundo do quintal.

Eram vinte sobrados geminados, dez de cada lado da rua. No andar de cima, três quartos e um banheiro; no de baixo, sala, sala de jantar, cozinha e lavabo. Lá atrás, o quintal, a área de serviço, o quatinho e o banheiro da Vanda. Na frente, a garagem e um pequeno jardim.

Nas vinte casas da vila viviam quinze crianças. O núcleo duro era composto por mim, minha irmã e minha meia-irmã; o Henrique e a Margarida, irmãos; o Rodrigo e a Giulia, irmãos; o Fábio Grande e o Fábio Pequeno — que por um bom tempo acreditei serem irmãos, também. Quando os conheci, pensei: nada pode ser mais lógico, se a família gosta de «Fábio», que batize logo assim todos os filhos; ao se encontrar um Fábio pela rua, já se sabe de onde é e basta usar «Grande», «Pequeno» — ou «Médio», caso houvesse um filho do meio — pra diferenciá-los. Fiquei bastante decepcionado ao descobrir, do alto dos meus três anos, que não só não eram irmãos como sequer tinham qualquer laço de parentesco.

Nada me causou mais estranhamento, na infância ou depois, do que visitar as casas dos meus vizinhos — primeiro e definitivo contato com a alteridade. As plantas dos sobrados eram idênticas, mas a ocupação variava: na casa do Henrique, por exemplo, a televisão estava onde deveria ficar a mesa de jantar, a mesa de jantar onde deveria estar o sofá, o quarto dele era onde, lá em casa, ficava o quarto dos meus pais e vice-versa. Sem falar na casa do Rodrigo, onde os pratos eram azuis. Como poderiam não saber que pratos *são* brancos?

Tinha pena dos outros, hereges, vivendo errado.

Dentro, nossa casa era toda branca, mas por fora era de uma tonalidade meio marrom, meio rosa. Um dia, perguntei à minha mãe que cor era aquela.

«Terracota.»

Não gostei. Senti que nosso lar era de alguma forma conspurcado por uma cor com terra no nome.

Embora não tivesse escolhido a cor nem os móveis, os quadros ou tapetes, a casa era mais minha que de qualquer outra pessoa: só eu via os desenhos no piso do quintal, o que se escondia embaixo dos tacos, os tufo mágicos sob a cristaleira. Ali dentro, nenhum mal poderia me atingir.

Um dia, brincando no chão da sala com meus carrinhos, ouvi um homem dizer na TV que, no ano 2000, o mundo iria acabar.

«Pena», pensei, sem tirar os olhos dos Matchboxes, «não vou mais poder sair pra rua» — e continuei a tratar dos meus assuntos.

Não, não é verdade que a casa era «mais minha que de qualquer outra pessoa». Havia uma área fora do meu domínio: o quarto da Vanda, território independente, onde eu não tinha o direito de entrar.

Ve ou outra, pela porta entreaberta, sentia o cheiro forte de perfume e a via na cama, sob o lusco-fusco da televisão preto e branco, de bobes na cabeça, pintando as unhas dos pés e cantarolando a música da novela das seis, numa postura relaxada que não levava para fora dali.

Vanda vinha do interior de Minas Gerais e de dentro de um livro de Charles Dickens. Sem dinheiro para criá-la, sua mãe

a dera, com sete anos, a uma conhecida. Ao recebê-la, a mulher perguntou o que a garotinha gostava de comer. Anotou tudo num papel. Mal a mãe virou as costas, no entanto, a fulana amassou a lista e, como uma vilã de folhetim, decretou: «A partir de hoje, você não vai mais nem sentir o cheiro dessas comidas!»

Vanda trabalhou lá até os quinze anos, quando recebeu a carta de uma prima com uma nota de cem cruzeiros, saiu de casa com a roupa do corpo e fugiu num ônibus para São Paulo.

Todas as vezes que eu ou minhas irmãs a importunávamos com nossas demandas de criança mimada, ela nos contava histórias da infância de Gata Borralheira, fazia-nos apertar seu nariz, quebrado por uma das filhas da «patroa» com um rolo de amassar pão e nos expulsava da cozinha: «Sai pra lá, peste, e me deixa acabar essa janta!»

Minha mãe não gostava que nos referíssemos a Vanda como «empregada», preferia «a moça que trabalha lá em casa». Eu estranhava: por que dizer «a moça que trabalha lá em casa», se a todas as moças que trabalhavam nas casas dos outros, os vizinhos chamavam «empregadas»?

\* \* \*

Um dia, descobri que minha mãe trabalhava numa revista. Revistas, para mim, eram as da Turma da Mônica, que eu folheava avidamente, desde muito antes de aprender a ler. Minha mãe me explicou que a dela era diferente, uma revista para gente grande, mas que era feita no mesmo prédio que as da Mônica. Animado, imaginei pilhas de Cascão, Cebolinha,



Mônica e Magali de graça. Pedi que me trouxesse algumas no dia seguinte. Não dava, ela me explicou. Infelizmente, não era dona da editora, apenas empregada.

Que revelação! Imaginei-a fazendo almoço e café numa enorme cozinha. Vislumbrei seu quarto, no fundo de um quintal. Teria ela, também, uma TV preto e branco? Pintaria as unhas, sentada na cama, de bobes na cabeça, cantarolando músicas da novela? Como seria sua vida, depois que saía de casa na Brasília branca e ia ser «a moça que trabalha lá na editora»? Que empresa incrível devia ser aquela, que se dava ao luxo de ter minha mãe como empregada.

Pai e mãe me beijavam, apagavam a luz: o mundo desaparecia. Como ter certeza de que voltaria a existir? De que os dois não sumiriam no breu? Que garantia tinha de que não seria levado pelos monstros que, vez ou outra, apareciam nos pesadelos — eu, que ainda não sabia o que eram monstros ou pesadelos?

Já havia atravessado outras noites, mas não tantas para sabê-las indubitavelmente transponíveis. (A experiência, para mim, ainda estava em fase experimental.) Para cruzar as trevas, precisava de garantias, lembretes de outras viagens.

Ouvir uma história conhecida: o mesmo enredo e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelo herói, o mesmo desfecho nos esperando, lá no fim. Seu êxito repetido me sugeria a continuidade das coisas. Assim como ele, eu já tinha enfrentado o iminente fim do mundo e depois acordado — tudo haveria de dar certo.

Música de ninar: os barulhos, mesma matéria-prima do susto, agora domesticados. Ritmo: fiador da continuidade, um,

dois, manhã, noite, três, quatro, noite, manhã. Rima: parentesco entre palavras; balão, mão; ladrilhar, passar; preta, careta.

Nada me deixava mais tranquilo, contudo, do que os sons da máquina de escrever vindos do quarto ao lado. Era meu pai, escritor, que trabalhava depois que todos haviam ido dormir. O batuque no teclado, o ronco grave do rolo girando com o papel e a sineta do carro tilintando ao ser devolvido à posição inicial — plim! — me garantiam a presença de um adulto, ali ao lado: se não ao alcance das mãos, ao menos dos ouvidos. O ritmo caótico, mas contínuo — como chuva no telhado —, era ainda melhor do que a música de ninar, cadenciada, pois sugeria que mesmo em meio à confusão poderia haver harmonia. Sob esse cafuné auditivo o mundo desaparecia, sem violência, depois voltava a existir, quando eu menos esperasse, iluminado: plim!

Primeira lição do incômodo: o calcanhar raspando na parte de trás do tênis e, pouco a pouco, empurrando a meia para baixo. Eu tentava andar mais devagar, tentava pisar reto, caminhar feito um robô, mas não adiantava: lá ia a meia em sua inexorável jornada rumo à planta do pé.

Caso estivesse ocupado demais para tomar as devidas providências, fugindo num pega-pega, num esconde-esconde ou num duro ou mole, apenas me agachava num canto, enfiava dois dedos dentro do tênis e, do jeito que desse — se desse —, puxava a meia um pouco pra cima. Sabia que era uma ação paliativa, que muito em breve ela estaria toda embolada lá na frente e eu seria obrigado a seguir o protocolo: sentar-me num banco, tirar os tênis, as meias, vesti-las e me calçar novamente.

Terminada a função, voltava ao pega-pega, ao esconde-esconde, ao duro ou mole, gozando por alguns minutos da alegria do dever cumprido, como se tivesse acabado de tomar banho, fazer a lição de casa ou comer um prato de legumes. Dez passos adiante, contudo, mastigada pelo insaciável maxilar do tênis no calcanhar, lá ia a meia descendo outra vez: lá ia eu, pequeno Sísifo, ladeira abaixo, ladeira acima.

Primeiras lições do pudor.

Eu não queria aquele cabelo cuia, cortado por minha mãe, lá no quintal de casa. Queria um cabelo curto, espetadinho em cima, ou que subisse num leve topete e depois fosse para trás, como o dos heróis nos filmes americanos.

Eu não queria aquela sacola de palha na qual carregava meu material escolar e os últimos eflúvios das aspirações *hippies* dos meus pais. Preferia uma mochila emborrachada, como as da maioria dos meus colegas.

Àquela altura, contudo, não percebia que o cabelo e a mochila eram contingências perfeitamente contornáveis, bastaria pedir para cortá-lo ou para trocá-la: eu *era* com aquele cabelo, eu *era* com aquela sacola.

Eu e minha irmã na banheira. Com a mão esquerda, nossa mãe regulava a torneira quente, com a direita, misturava a água. Meu pai sentou-se na borda, os dois abriram sorrisos e minha mãe disse que tinham uma novidade: a partir da semana que vem ele iria morar numa outra casa.

Minha mãe falou que não era para nos preocuparmos, mas eu não estava preocupado, estava curioso: por quê? Meu pai falou que era muito normal, vários pais moravam em

casas separadas. O pai do Fábio Grande, por exemplo. O pai da Marina, por exemplo. O pai do Felipe, por exemplo. «Não muda nada», ela frisou, «e ó que legal: de agora em diante, além dessa casa vocês vão ter outra, com outro quarto, outra cama, *tudo igual, igualzinbo* aqui. Não é bacana?»

Fiquei embaçado: como podia ser *tudo igual, igualzinbo*? Seria uma rua inteira idêntica, com todas as casas dos vizinhos e plantas e paralelepípedos exatamente nos mesmos lugares e os mesmos tatus-bola e tampinhas de garrafa enterradas entre eles? Mas por que haveria de existir essa réplica da nossa vila em outro lugar? Quem seriam as pessoas a habitar essa realidade paralela? Pessoas idênticas a nós ou pessoas diferentes que viveriam com as mesmas roupas, entre os mesmos objetos? E se elas já estavam lá, como iríamos aparecer, assim, do nada?

Vai saber. O mundo tinha dessas coisas. Na nossa escola estudavam Bianca e Beatriz, as gêmeas. Quem sabe fosse assim mesmo: de tudo, havia dois? Ou talvez meu pai tivesse construído uma cópia da nossa casa, numa rua diferente, porque era daquela forma que ele gostava de morar? Fazia sentido. Eu também, se perguntassem como gostaria que fosse minha casa, diria que assim mesmo — mas com um tobogã da janela do meu quarto para uma piscina aquecida no quintal.

Não. Ainda que ele tivesse construído a cópia, não podia ser *igual, igualzinbo*. Seria uma casa nova, os tacos soltos estariam colados, a poeira embaixo do móvel não teria tido tempo de se transformar em tufo; e como os pedreiros haveriam disposto os cacos de cerâmica no chão do quintal de modo a formar os desenhos, se só eu os conhecia: o homem de chapéu e cachimbo, o elefante de três pernas, o navio?

Mesmo sem entender, aceitei. Já havia visto coisas incríveis, durante meus poucos anos de vida: ímãs arrastando pregos, uma fogueira maior do que um carro, meu pai tirando moedas do ouvido, uma mulher de maiô, no circo, sendo serrada em quatro dentro de uma caixa e reaparecendo inteirinha, depois; se tinha algo de que não poderia ser acusado é de ceticismo. Uma casa igual à nossa, afinal, nem era tão estranho assim. Além do mais, por que eles mentiriam pra gente?

## BOM MENINO

O sol matinal entrava pela janela basculante, condensando o vapor nos azulejos e dissipando pouco a pouco o cheiro de xampu. Com as calças arriadas até as canelas, prestes a começar meu xixi, eu mirava no penico da Turma da Mônica. Ao lado, enrolada numa toalha diante da pia, minha mãe escovava os dentes.

Eu gostava muito de observar minha mãe escovando os dentes pela manhã: sua mão ia e vinha, rápida e precisa, de cima para baixo, depois fazia movimentos circulares, sem espirrar uma única gota de espuma. Tão diferente de mim, que só sabia escovar na horizontal e salpicava de branco a louça da pia, as torneiras, lambuzava o rosto inteiro. Minha mãe era tão hábil que conseguia até escovar os dentes e andar pela casa ao mesmo tempo — uma de suas façanhas que eu mais admirava. Com a mão livre, era capaz de exercer outras atividades, como tirar as roupas sujas do cesto, pentear o cabelo ou guardar uma toalha no armário. Depois, voltava para a pia e cuspiam com elegância; a espuma saía da sua boca unida e silenciosa, como uma bolinha de pingue-pongue. Eu imaginava que a bola branca caía bem no meio do ralo, sem nem esbarrar nas bordas, mas sendo esse um dos muitos eventos que aconteciam a mais de um metro de altura, tinha de resignar-me à especulação.

Assistir àquele pequeno ritual de controle e delicadeza, no início de cada dia, ajudava a me acalmar. O mundo era vasto e assombroso, mas uma mulher capaz de escovar os dentes, andar pela casa e ainda exercer outras atividades certamente tinha condições de me proteger de todos os perigos, de modo que agradá-la e receber em troca seu sorriso era o que mais me importava: bastava ver seus lábios se movendo, seus olhos se comprimindo, e a paz era instaurada.

Estava tranquilo, portanto, ouvindo o som da escovação, sentindo o cheiro de xampu no ar, prestes a começar meu xixi, quando surgiu a ideia. Chamar de «ideia» é exagero, era menos que isso, apenas um beliscão da curiosidade na pança da harmonia: e se eu fizesse o xixi fora do penico? Como seria o som no chão de azulejos? Seria diferente do som grave do jato no plástico, que me lembrava um motorzinho, brrrrrrrrrr? Diferente ainda do barulho que faria se mirasse em cima do tapete colorido? E se ficasse alternando entre o penico, o azulejo e o tapete: poderia compor uma música, como naqueles dias em que a gente batucava com colheres em latas e garrafas na escola?

À medida que ia percebendo as possibilidades lúdicas do xixi fora do penico, ficava mais animado: imaginava o líquido espalhando-se pelo chão, alterando sutilmente o reflexo da luz na superfície dos azulejos; pensava que o tapete encharcado iria mudar de cor e que se quisesse poderia pintar só metade dele, ou fazer riscos em zigue-zague, como meu pai havia me mostrado na areia da praia, nas últimas férias. Quem sabe eu até saísse andando pela casa fazendo xixi em tudo? Xixi no chão de tacos, xixi no revestimento, xixi pelas paredes, xixi escada abaixo — e, embora soubesse que meus xixis eram pouco volumosos (suficientes apenas para criar uma lâmina amarelada

sobre o desenho da Turma da Mônica), a imagem que me vinha à cabeça era de uma potência infinita, um jorro ininterrupto capaz de encharcar o banheiro, afogar a casa, inundar o mundo.

Examinei o chão, o tapete, a parede, espiei minha mãe, que seguia escovando os dentes, e só então percebi, por baixo da empolgação, uma cosquinha de agonia. Algo me dizia que sair fazendo xixi sem rumo poderia deixá-la brava e aflita — e deixar minha mãe brava ou aflita era o que eu mais temia. Antes de pôr em prática os projetos que me pareciam heterodoxos, costumava me perguntar: será que a farei sofrer? Será que ela brigará comigo? Ou, do contrário, me sorrirá, satisfeita? Queria desistir, mas algo na ansiedade parecia atrair-me: sugeria haver mais coisas a se buscar nesse lugar vasto e assombroso além da calma e da harmonia do sorriso da mamãe.

O xixi já estava quase saindo, podia até sentir o alívio chegando, quando a campainha tocou. No susto, suspendi a missão. (Eu me orgulhava bastante deste autocontrole: mesmo se já estivesse no meio do xixi, poderia interrompê-lo, momentaneamente. Não chegava aos pés da capacidade de escovar os dentes e andar pela casa ao mesmo tempo, mas me divertia e várias vezes passava um tempo brincando com um jato intermitente no penico: segura, solta, segura, solta, brrrrr, silêncio, brrrrr, silêncio, e assim me sentia no domínio do meu corpo e senhor da minha vida.) Ainda escovando os dentes, minha mãe foi para o andar de baixo atender a porta, deixando-me só naquela imensidão de azulejos, com o pinto na mão e um dilema na cabeça: sorriso apaziguador ou frio na barriga?

Provavelmente, essa batalha já vinha sendo travada havia tempos, o anjinho e o diabinho me soprando desde a vida pré-uterina suas seduções e reproches, quem sabe influenciando

a intensidade dos chutes no líquido amniótico ou os decibéis do choro que antecedia as mamadas, mas eram apenas as preliminares no campeonato da infância, cuja final, senhoras e senhores, se daria em instantes, e, dependendo do resultado, me classificaria em posições opostas para a grande competição da vida adulta.

Caso ouvisse os impulsos aventureiros e ignorasse os limites do peniquinho, talvez me atrevesse a saltar a rampa grande de *skate* aos nove, seria atacante e não goleiro no primário; perderia a virgindade antes do primeiro colegial, quem sabe fosse de carona até a Patagônia aos vinte? Se, no entanto, dedicasse meus parques mililitros à Turma da Mônica e ao sorriso da mamãe, deixaria a rampa grande para os maiores e me contentaria em ir e vir com meu *skate* pela garagem, toparia ser goleiro nos campeonatos já que ninguém o faria e o professor solicitaria um voluntário; perderia a virgindade só nos estereos da adolescência e, dali em diante, preferiria os ácaros da poltrona à poeira da estrada.

É evidente que naquela manhã, com as calças na canela e o coração na garganta, eu não sabia de nada disso. Só intuía pelo forte frio na barriga que algo importante estava para acontecer. Ou não: pois assim que ouvi os passos no corredor, acompanhados pelo ronronar quase inaudível da escova indo e vindo nos dentes da minha mãe, sucumbi à promessa do sorriso e comecei a despejar no peniquinho os parques mililitros do meu xixi, tomando cuidado para que nem uma única gota pingasse fora.

Ela terminou de escovar os dentes, cuspiu elegantemente no meio da pia, olhou para o penico, onde a Turma da Mônica nos observava sob a fina lâmina amarela, fez um carinho men-

tolado em minha cabeça e abriu o sorriso. Não havia nada que me ameaçasse; afinal, eu era um bom menino, eu obedecia às regras e recebia a recompensa — a ordem e a harmonia voltaram a reinar sobre a terra e o espírito de Deus a pairar sobre a face das águas.

# **NU, DE BÓTAS**

foi composto em caracteres Hoefler  
Text e impresso pela Guide, Artes Gráficas,  
em papel Coral Book de 80 g,  
em Setembro de 2017.

